
OS NÓS DA HISTÓRIA NA TRILOGIA *OS FILHOS DE PRÓSPERO*, DE RUY DUARTE DE CARVALHO

The nodes of history in the trilogy *Os Filhos de Próspero*,
by Ruy Duarte de Carvalho

Andrea Cristina Muraro¹

RESUMO: O objetivo central desta proposta é uma reflexão sobre a articulação entre experiência e História na trilogia *Os Filhos de Próspero*, do angolano Ruy Duarte de Carvalho, em cotejo com sua produção ensaística, bem como a dos autores elencados em forma de intertexto (literário ou histórico) ao longo da trama dos três romances: *Os Papéis do Inglês* (2000), *As Paisagens Propícias* (2005) e *A Terceira Metade* (2009). Para tanto, pretende-se explorar as inserções, omissões e revisões dos eventos históricos na composição desses romances, observando a representação da História de Angola e seus pontos de contato com a História da zona austral africana, do continente americano e do europeu.

PALAVRAS-CHAVE: Angola; História; Experiência; Ruy Duarte de Carvalho

ABSTRACT: The main objective of this proposal is to study the links between experience and History in the trilogy *Os Filhos de Próspero*, written by the Angolan author Ruy Duarte de Carvalho, in comparison with his essayistic production as well as the authors' listed in the form of intertext (literary or historical) along the plot of the novels: *Os Papéis do Inglês* (2000), *As Paisagens Propícias* (2005) and *A Terceira Metade* (2009). Therefore, the research aims to explore the insertions, omissions and revisions of historical events in the composition of these novels, observing the representation of History of Angola and the contact points of this History and the Southern African region, in conjunction with the American and the European continent.

KEYWORDS: Angola; History; Experience; Ruy Duarte de Carvalho

A trilogia *Os Filhos de Próspero*, do angolano Ruy Duarte de Carvalho, apresenta uma dinâmica que consiste em problematizar seu amplo, diverso e disperso projeto literário e ensaístico. À semelhança de escritos coligidos, *Os papéis do inglês* (2000), *As paisagens propícias* (2005) e *A terceira metade* (2009) configuram um jogo de fragmentos, absorções e reconversões (LEITE, 1998) ocupados em resgatar linhas de força, divisadas desde seu primeiro trabalho ficcional em prosa, datado de 1977, *Como se o mundo não tivesse leste*. Desse conjunto de três contos, escritos há quase quarenta anos, pode-se vislumbrar várias dessas linhas, como a reiterada

¹ Professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia/UNILAB/Ceará. Pós-doutoranda pela Universidade de São Paulo/ FFLCH/ECLLP.

obsessão pelo espaço, já apontada pela crítica (CHAVES, 2009; SILVESTRE, 2006). Sua produção poética, hoje organizada no volume *Lavra* (Poesia reunida, 1970-2000), também é reelaborada em seus romances, dando notícia de um exercício compositivo que, nas palavras do próprio autor, visa “a produção de um texto dupla ou triplamente intermediário entre si mesmo e um ouvinte, e não um leitor” (CARVALHO, 2009, p.178), isto é, quanto ao estilo, existe uma preocupação contínua em recuperar o oral pelo escrito, embora não se possa negar que o inverso também é válido, considerando as inúmeras inserções de outras obras literárias e documentos históricos diversos presentes na trilogia. Além do mais, os romances não deixam de recuperar sua “autobiografia intelectual” (CHAVES, 2012, p.195), sempre retroalimentada pelo vasto repertório de leituras, de si, pela via de sua produção ensaística, e de outros, constantemente reexaminados pelo viés crítico do intelectual. Consequentemente, a experiência é um elemento que não pode ser ignorado, considerando que os eventos históricos presentes na trilogia procuram recombinar diferentes perspectivas, subjetividades e tensões.

DA EXPERIÊNCIA DO AUTOR E DO CONTEXTO DE SUA PRODUÇÃO

Com o intuito de esclarecer o que entendo como *experiência* que se vê resgatada na trilogia, procurarei neste item dar a ver alguns dados do percurso biográfico de Ruy Duarte de Carvalho.²

De nascimento em Santarém, Portugal, “uma referência de exílio”³ (CARVALHO, 2011) em seu percurso biográfico, Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010), ainda criança, passa a residir em Angola, em uma província do sul, o Namibe, onde dá-se conta de sua “matriz geográfica e de enquadramento existencial [...] a meio do deserto de Moçâmedes, por alturas do Pico do Azevedo”⁴. Volta a Santarém para realizar o curso de regente agrícola, e retorna com menos de 20 anos de idade para exercer esse primeiro

2 Não é meu intuito aproximar este estudo da teoria do conhecimento, da qual celebrenmente tratou o filósofo Walter Benjamin nos vários escritos por ele reelaborados ao longo de sua vida, principalmente em “O narrador”; embora esteja ciente de que a experiência, em seu sentido geral, é um conhecimento espontâneo ou vivido ao longo da vida e de que, para a filosofia, todo conhecimento advém da experiência, o meu interesse não é tão abrangente, apenas recuperarei nas próximas páginas dados biobibliográficos para que se possa, dentro do recorte proposto, enfrentar melhor as questões inseridas pelo autor no objeto em questão.

3 A partir desse ponto, as passagens entre aspas recuperam excertos de “Uma espécie de habilidade autobiográfica”, relato do próprio autor, publicado no *Jornal das Letras*, em 2005.

4 A “rota” do Pico do Azevedo é constantemente revisitada pelo autor em sua trilogia. Uma passagem exemplar acerca desse espaço fundador em sua “ficção pessoal” e, portanto, também da experiência, pode ser lida em *Vou lá visitar pastores*, p.103-112.

ofício em Angola. Nesse momento, trabalhando nas matas do Uíge, em meio aos levantes nacionalistas dos primeiros meses de 1961, “e ainda a mais feroz repressão à insurgência”, percebe “que havia uma razão de Angola que colidia com a razão colonial portuguesa” (2011, p.13).

Com efeito, essa “razão” é decisiva para se entender o despertar de consciência, de si, e de Angola. A passagem a seguir não é com recorrência citada pela crítica, mas a considero exemplar para entender o processo de formação do sujeito lírico e do sujeito histórico desse escritor:

O máximo que consegui, para actuar do lado em que passei desde então e até hoje a situar-me, foi que alguns mais-velhos da luta clandestina, durante uns tempos em que habitei Luanda, me atribuísem mínimas tarefas menores, como dactilografar, para distribuição nos musseques, poemas de revolta de autoria anónima e de esclarecedora má qualidade, também.//Mas depois de uma data de gente presa e quando o instituto do café me colocou, a seguir, primeiro na Gabela e mais tarde em Calulo, perdi e nunca mais consegui restabelecer ligações políticas efectivas com a insurgência nacionalista. O máximo, outra vez, que consegui então, foi ser dado como *persona non grata* pela administração do Libolo e afastado dali junto com um padre basco e um médico português. *Pouco para currículo político*. Arranjei então outro emprego e mudei para a Catumbela, para dirigir a pecuária de uma grande empresa açucareira.//E foi nessa condição que levei tal volta passados três anos de mim para mim e afundado a criar ovelhas no interior do imenso platô de Benguela, levei então tamanha volta que andei três anos seguintes a derivar pelo mundo. Estive em Hamburgo, Copenhaga e em Bruxelas sempre a ver se encontrava traços de insurgência nacionalista, mas quando finalmente consegui chegar a Argel para colocar-me à disposição da luta, ninguém ali me levou a sério, ou então desconfiaram, ou então voluntaristas como eu já lá tinham que chegasse e até nem sabiam o que é que lhes haviam de fazer. Foi depois de ver-me assim perante a evidência de que por ali também não ia dar, e de ter levado as coisas até onde podia, que acabei por encontrar-me um dia, *turbilhão de voragem de tanta viagem*, a exercer funções de chefe de fabricação de cerveja em Lourenço Marques Maputo, e estive a seguir em Londres, com um dinheiro emprestado, a fazer um curso de realização de cinema e de televisão. // Na sequência dessa *volta* toda é que acabei por passar a noite de 10 para 11 de novembro

de 1975 no município do Prenda [Luanda], às zero horas, que foi uma hora zero, a filmar a bandeira portuguesa a ser arreada e a de Angola a subir ao mesmo tempo. Já nessa altura, quando foi da independência, tinha o primeiro livro de poesia publicado. (grifos meus, 2011, p.14.)

Destaco, então, dois pressupostos desse fragmento: primeiro, a mobilidade, a condição de viajante é de suma importância para estes anos de aprendizado e não deixará mais de estar presente na literatura produzida por Ruy Duarte de Carvalho. Entretanto, é para a experiência elaborada no percurso que quero chamar a atenção, e não só “estar de passagem” ou “avistar”. Segundo, e para adiantar, o engajamento político só se concretiza no processo dessa mesma viagem, isto é, à medida que seu sistema de pensamento for se formando, sua experiência⁵ (etnográfica, fílmica, poética) se acumula; dessa forma, outras respostas se desenvolveram e alcançaram o estatuto de ficção. Até porque, não é só o seu próprio percurso de viagens que é articulado aos motivos e temas, mas também os de outros notórios viajantes, haja vista a presença dos documentos de A. Felner na obra *Vou lá visitar pastores*; dos excertos de J. Conrad, em *Os papéis do inglês*; de R. Burton e B. Cendrars, em *Desmedida*; A. Battell e Pe. Duparquet, em *As paisagens propícias* ou ainda M. Twain, H. Melville e E. Jünger, em *A Terceira Metade*.

Retomando, a partir de então como cidadão angolano, trabalhou junto à televisão angolana (TPA), de 1975 até 1981, o que resultou em uma série de documentários “com a intenção de dar Angola a conhecer aos próprios angolanos” (p.15). Nos anos 80, diplomou-se com o filme *Nelisita*⁶ (1982) na Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais em Paris, onde também se doutorou com a pesquisa *Ana a Manda Os filhos da rede (Identidade coletiva, criatividade social e produção cultural: um caso*

5 *Autocolocação e autoficção* são termos que vem sendo utilizados, por alguns estudos críticos sobre a obra do autor, para discernir o imbricamento e também a ficcionalização entre autor e narrador (MICELI, 2012, por exemplo). Ao longo desse texto, prefiro tratar a questão como *experiência*, para entender a problemática da representação e suas possíveis relações entre o discurso e a realidade.

6 Uma nota de interesse em relação a essa película é o fato de, em um de seus últimos textos ensaísticos (CARVALHO, 2011, p. 62-7), Ruy Duarte de Carvalho comentar que o ponto de partida d’A *Terceira Metade* e a construção de seu protagonista Trindade ser fruto dessa experiência cinematográfica. Em contrapartida, embora não seja o objetivo aqui, vale dizer que toda a trilogia e essencialmente o romance de 2009 é, sem dúvida, marcado estruturalmente por uma base de *raccords*, o que permitiu ao autor lidar com as variações temporais do romance; quando não, vários tipos de *plongée* são acionados, como se pode ler entre as páginas 353 e 361. A expressão “como num filme” que, aliás, intermedeia *Os papéis do inglês*, p.77-92, é outro exemplo, dentre as muitas alusões ao cinema político italiano dos anos 60 e 70, principalmente de Ettore Scola.

muxiluanda), em 1986. Nesse trabalho⁷, por exemplo, já se pode verificar certo cuidado, quanto ao estilo, no registro dado à voz do informante, que se aproxima de um registro literário, em contraponto à voz do antropólogo. Mesmo assim, é curioso o fato de que em determinadas passagens as vozes se confundam, caso não se atente para a divisão de subtítulos⁸. Para usar a expressão de J. Clifford, o antropólogo descreve, mas também cria um estilo, é a “desintegração da autoridade etnográfica” (1998, p.18) na antropologia e que, em Ruy Duarte de Carvalho, antecipa e aponta os métodos de sua ficção futura.

O magistério também foi parte importante desse trajeto, seja como professor de Antropologia Social na Universidade Agostinho Neto/Angola, ou “aproveitando sabáticas para aceitar convites [...] e consumir bibliotecas em Paris, Bordéus, São Paulo e Coimbra” (CARVALHO, 2011, p.15), ou ainda como *Writer in residence*, na Universidade de Berkeley, Califórnia.

A partir de 1992, dedicou cerca de cinco meses a cada ano a um trabalho de campo que resultou no relatório *Aviso à navegação: olhar sucinto e preliminar sobre os pastores Kuvale da província do Namibe com um relance sobre as outras sociedades agropastoris do sudoeste de Angola*, publicado em 1997, cujo prefácio, de antemão, anuncia as transformações pelas quais seu texto, mais uma vez, haveria de passar:

Este não é nenhum dos possíveis livros que tenho para oferecer-lhes, com que quero retribuir-lhes [aos que colaboraram, aos angolanos...]. Sem ser um livro para especialistas da análise social também não é aquele que quero escrever para um público comum que não estará, à partida, interessado nos contornos específicos da matéria que tratarei e que vou ter, por isso, que tentar atingir através da escrita *capaz de seduzi-los*. (2007, p. 2, grifos meus)

A almejada escrita sedutora começará a despontar efetivamente em 1999, com *Vou lá visitar pastores: exploração epistolar de um percurso angolano em território kuvale (1992-1997)*, que é certamente onde se evidenciou o estatuto de *meia-ficção*, como ele mesmo passará a tratar sua

7 Consta da primeira parte dessa tese, um excelente documento sobre a história da capital angolana, Luanda, e o contexto dos *Axiluanda do século XVI aos nossos dias*. Ruy Duarte de Carvalho, ao tratar do complexo social e econômico *muxiluanda*, “uma outra Luanda dentro de Luanda”, interpreta com bastante acuidade, e com rara sabedoria para limpar as arestas ideológicas daqueles tempos, a economia “paralela”, a “cultura de sobrevivência”, e eventos como o “carnaval” dos anos duros do socialismo angolano, logo após a independência.

8 CARVALHO, 1989, nos subtítulos: *O culto das yanda e As yanda e nós*, p. 283-7.

obra daí em diante⁹. Nessa e nas publicações seguintes, os “três pólos (poesia, cinema, antropologia) irão se tornar gradativamente um só “exercício de acção”¹⁰ (CARVALHO, 2008), caracterizando um estilo que culminaria em *A Terceira Metade*, em 2009, “um livro que decididamente arrisc[a] fazer-se só ensaiando montagens e emendas, quer dizer, explorando só as pistas dos limites, dos impasses, dos ardis que fosse urdindo” (CARVALHO, 2011, p.178). Um exemplo desse processo em que motivos são reorganizados e ajustados à novas experiências ao longo do tempo, pode ser flagrado quando se comparam as semelhanças entre o conto “As águas de Capembáua”, de *Como se o mundo não tivesse leste* (1977) e *Os papéis do inglês* (2000): a morte de um estrangeiro, a fadiga, um convite para uma comemoração entre os kuvale são pontos de mediação entre as subjetividades e a “disposição para arquivar casos e inventar respostas” (CARVALHO, 2003, p. 21-2). Sobre isso, vale notar que na introdução de sua poesia reunida, Ruy Duarte de Carvalho a nomeia como “volume de memórias”, justificando o caráter de reescrita constante:

[...] dei pequenas voltas para as tornar mais as mesmas, inclusive a alguns inéditos, poucos, de que não consegui livrar-me [...] a esses juntos com avulsos publicados fora dos livros originais, agrupei-os numa adenda [...] acho que de 98 para cá, talvez, passei a creditar a outras vazões de escrita os fluxos poéticos que se me foram atravessando [...] (CARVALHO, 2005, p. 9)

Como se lê, dentre os muitos fluxos experienciais, a atividade ensaística não deixou de ser intensa. “[N]a sua maioria, são intervenções orais que resultou registo escrito” (CARVALHO, 2008, p.9), a matéria que compõe *A câmara, a escrita e a coisa dita... fitas textos e palestras*, nas edições de 1987, e depois de 2008, onde foram incluídos outros textos; postumamente, em 2011, a editora angolana Chá de Caxinde trouxe mais alguns ensaios e uma entrevista no livro *O que não ficou por dizer*, organizada por Nuno Vidal.

9 Em “Duas lógicas na textualização do passado: a convenção da veracidade e a convenção da ficcionalidade”, a professora e ensaísta Inocência Mata situa *Vou lá visitar pastores* da seguinte maneira: “uma obra de pesquisa antropológica realizada com ‘espírito poético’” (2010, p. 139). Em um capítulo da tese “Quatro passeios pelos bosques da ficção angolana”, a pesquisadora Renata Silva indica que essa obra “segue uma linha documental, algo entre narrativa de viagem e estudo antropológico” (2008, p. 112). Trago à baila os dois excertos para demonstrar como a própria crítica enfrenta, a partir de então, a questão do gênero.

10 Título de uma conferência de 1990.

Retrocedo um pouco para retomar os pressupostos anteriores. Na produção ensaística, na qual se incluem a tese e, essencialmente, o relatório de trabalho de campo com os kuvale, há uma tendência nítida para desestruturar ou se afastar da convenção que um gênero possa ter. Como bem lembra Almeida, em seu artigo “Literatura e Antropologia”, nos anos 80 a simples menção da “observação participante” causava desatino entre os antropólogos: “poderíamos dizer que Ruy Duarte de Carvalho praticou uma antropologia [...] sem pagar as cotas da etiqueta e do partido [...]”; enquanto o fazia, a “vivência cultural” (ALMEIDA, 2008), a experiência acumulava-se para mais tarde ganhar corpo na ficção, o que parece ter contribuído em muito para a formação de seu estilo.

Para esmiuçar um tanto mais a questão, outro exemplo: ao dar luz aos mecanismos econômicos que muitas vezes rodeiam o “homem comum”, e que são ininteligíveis, ou vistos com exotismo, invariavelmente, por um observador externo ao contexto de um país como Angola, há uma preocupação exigente com a apreensão de sua dinâmica, um pressuposto ao qual já me referi, e que reiteradamente é retomado por Ruy Duarte de Carvalho:

Para um homem comum das matas do Sayona a noção que ele tem de Estado talvez não exceda a de um poder que passa pelo soba [líder] do sector que às vezes se farda de kaki e outras orienta reuniões para resolver makas [problemas] sem que no entanto os verdadeiros notáveis da zona, incluindo o antigo soba, já muito velho agora, o percam jamais de vista, vai à Administração receber o vencimento e ordens vagas, encaminha penitentes para a polícia de lá, escreve e recebe *mukandas* (cartas, bilhetes, mensagens) ligadas a roubos, mobiliza as milícias quando consta que o inimigo anda a espreitar de novo e vai procurando resolver a vida conforme pode e o deixam. É um herói nacional hoje esquecido, como acontece de uma maneira geral aos heróis vivos, que acabam sempre por ser homens como os outros quando a vida os obriga a lutar já não com o inimigo, antes com ela mesma (foi ele quem abateu o mirage dos Sul-Africanos na Cahama e foi mesmo a Luanda receber um rádio-gravador que o Governo lhe deu como compensação e um escritor de lá, a título privado e fazendo jus ao seu apurado sentido das coisas, cedeu-lhe os cinquenta contos de um prémio literário da Sonangol), e no fundo é bom rapaz, ajudou bué [muito] esse doutor que tem andado aí a perguntar como é essa coisa de mwarilume. (CARVALHO, 1997, p. 60.)

A passagem encontra-se no meio do seu *Aviso à navegação*. Além de anunciar as costumeiras digressões, em longos painéis, de sua ficção futura, também exemplifica a complexidade do pressuposto que são o das identidades coletivas¹¹, portanto efetivamente políticas, problemática cara para Ruy Duarte de Carvalho. Também sobre um contexto africano mais amplo e interseccionado com a produção ensaística de Ruy Duarte de Carvalho, que não deixa de estar exposta nos romances, está o método de recuperar pensadores africanos, como Amílcar Cabral, cuja proximidade de pensamento com a ensaística do angolano pode ser entendida pela leitura de ensaios e artigos da obra *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*, organizado por Carlos Lopes. Tal leitura elucidada, além da obra do próprio Cabral, as questões de identidade e seus processos ao longo da historiografia africana e fazem notar a latência do projeto político de Ruy Duarte de Carvalho nos romances da trilogia.

Com essa digressão, o que quero enfatizar é que, a partir da obra *Vou lá visitar pastores* (1999), a produção ensaística calcada na experiência servirá como matéria artística, uma vez que aspectos históricos e econômicos (a reiterada atenção do autor em discutir a tensão entre a *cultura de pacotilha* e a *cultura de sobrevivência*, por exemplo) serão reelaborados em sua ficção como estrutura literária, algo semelhante ao que A. Candido nomeou como “processo de redução estrutural”, o que trocando em miúdos é “transformar os estímulos do real em algo autônomo, em criação” (JACKSON, 2002, p. 169).

Na última década de sua produção, a partir de 2000, entre as obras da trilogia *Os filhos de Próspero*, são publicadas as *Actas da Maianga* (2003) e *Desmedida* (2006). Novamente: ambas de difícil classificação quanto ao gênero. A primeira é ensaística, ácida e reflexiva, frente às problemáticas sócio-políticas de Angola, depois de terminada a guerra civil em 2002 (APA, 2010; CABAÇO, 2006):

Tendo mesmo já em conta a hipótese deste livro, ensaiar uma operação de reflexibilidade que me leve a olhar para Luanda procurando de alguma forma partir daí para a percepção das questões e da matéria que lhe destinarei se quero dirigi-lo simultaneamente, talvez, a um ‘dentro’ e a um ‘fora’ e a uma contiguidade entre os dois que permita a decifração de um

11 Sobre isso, em um de seus ensaios de 1991, Ruy Duarte retoma algumas ideias de *Ana a Manda* [sua tese] e explica que “para além do território, da língua e das origens proclamadas, se considerem, para aferir uma identidade colectiva, factores tais como os espaços de circulação de valores e de troca verificados nomeadamente, e só para citar alguns, nos domínios do parentesco, da cultura material, da religião, da política” CARVALHO, 2008, p. 330.

‘nós’ identificável em todos os lugares. (CARVALHO, 2003, p. 117)

A outra é densa e movediça, já que busca registrar seu percurso tanto de leituras, quanto geográfico, daí mais um longo subtítulo: *Luanda, São Paulo, São Francisco e volta - crônicas do Brasil*. Essas *escritas de viagem* (CHAVES, 2012) são um material que reitera e apura tanto a temática do espaço quanto da mobilidade em seu projeto. Dizendo de outra maneira, o deslocar-se por um espaço é percorrer as histórias ainda não emergentes, mas que constantemente se interligam, seja pela experiência da viagem ou da leitura:

Era um desses valentões do sertão como reza que houve muitos nesses tempos do Brasil [...]Acabou por vir para cá degredado e por cá deve ter morrido. [...] Veio muita gente do Brasil para cá, Paulino, não foram só escravos daqui ser levados para lá. É aquilo a que eu chamaria os fluxos ao contrário e gostaria de ver alguém mexer com isso desde o princípio até alcançar o tempo em que esses portugueses que fundaram Moçâmedes foram expulsos de Pernambuco, muito tempo já depois de o Brasil se ter tornado independente, porque o comércio todo continuava na mão deles e os brasileiros estavam a achar que esse tempo já era altura de ter acabado. (CARVALHO, 2006, p.87)

Tendo em conta as duas passagens, e a problemática aqui exposta, pode-se especular que se concretiza um pensamento de sistema preocupado com a História¹² e as histórias dentro dela: a busca de “um nós” que se verá discutida nas digressões da trilogia. O romance, e com ele seu sistema de pensamento, é irrigado por “fluxos ao contrário”, vertidos pela consciência de que “qualquer reposição histórica minimamente verossímil terá que recorrer também a informações e documentos por vezes adventícios e colaterais” (CARVALHO, 2003, p. 116). Para isso, e no que diz respeito à recuperação dos eventos históricos, a leitura em paralelo da obra de A. A. FELNER, *Apontamentos sobre a colonização do planalto e litoral sul de Angola*, de 1940, é bastante esclarecedora. Essa fonte é sugerida pelo próprio Ruy

12 Penso aqui em um conceito de História, como aquele que Compagnon recupera em *O demônio da teoria*: “A história dos historiadores não é mais uma nem unificada, mas se compõe de uma multiplicidade de histórias parciais, de cronologias heterogêneas e de relatos contraditórios. Ela não tem mais esse sentido único que as filosofias totalizantes da história lhe atribuíam desde Hegel. A história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado, seu texto faz parte da literatura” (p. 222).

Duarte de Carvalho, ao longo do romance *As paisagens propícias* e proporciona, junto da leitura literária de obras como a do sul-africano Coetzee, *Terras de sombras*, para citar apenas um exemplo, material de referência para entender o entrelaçamento entre experiência e História no método desenvolvido por Ruy Duarte de Carvalho ao longo dos romances. Dessa forma, também foi possível ter uma visão mais ampla de que o caminho para entender, o que penso ser um dos propósitos da trilogia, é o de recuperar e reescrever a História da zona austral africana e seus consequentes laços com o sul angolano pela via romanésca.

Essa problemática permanente na obra de Ruy Duarte de Carvalho se processa como um sistema ético e político que se comunica de forma incessante com a estética¹³. Sobre isso, ainda, em um instigante artigo sobre *Os papéis do inglês*, que aborda as relações entre ficção e etnografia na narrativa de Ruy Duarte de Carvalho, Anita Moraes traz à luz um dado sobre o método do autor que aqui vale mencionar.

Devido a essa estrutura, os acontecimentos distintos, articulados em um *sistema de vasos comunicantes*, intercambiam vivências e entre eles se estabelece uma integração graças à qual os episódios se fundem em uma unidade que não corresponde a meros segmentos justapostos. Existem vasos comunicantes quando a unidade é *algo mais* que a soma das partes integradas ao episódio (LLOSA, *Cartas a um jovem escritor*, p. 165, *apud* MORAES, 2009, p. 190)

A pesquisadora, ao citar esse raciocínio do peruano Llosa, adentra em uma questão de relevante interesse, pois para a problematização presente pode-se transpor essa “série de vasos comunicantes” e alargar a questão no que se refere à trilogia¹⁴. Ora, se há unidade na trilogia, esse resultado é a

13 Esse sistema vai ao encontro do que o antropólogo, ensaísta e poeta martinicano, E. Glissant procurou demonstrar ao longo de sua obra para destacar as “multiplicidades efervescentes”: “assim, por exemplo, no meu entendimento, alguns dos pensamentos mais marcantes desses últimos tempos foram formulados a partir daquilo que chamei de periferia em relação aos centros. Esses centros são cada vez menos os únicos operantes, os únicos importantes e presentes no pensamento. Os pensamentos regionais tornam-se pensamentos centrais, o que de fato não existe mais centro e não existe mais periferia. Pode-se até conceber o contrário, mas isso significaria também reproduzir [um] antigo esquema.” (2005, p. 161)

14 A epígrafe do romance *A terceira metade* exemplifica com precisão como os vasos comunicantes podem ser lidos também como intratextos. A construção do protagonista Trindade, assemelha-se como a um duplo, considerando o que vai indicado em um dos poemas de *Ondula, savana branca* (1977-1980) de Ruy Duarte de Carvalho. Numa tradução interpretativa, nomeada pelo autor de “reconversão”, acerca do texto iniciático Koumen, dos pastores Peul, cuja vida “comporta três sequências de vinte e um anos cada uma, a primeira de aprendizagem, a segunda de prática, a terceira de ensino” (In. *Lavra*, 2005, p. 224). Na página 413, quase ao fim d’A

comunicação entre os três romances em si. O que dinamiza as relações é a experiência, seja ela advinda da ensaística, da antropologia, do cinema ou da poesia, como se nota nessa reflexão-síntese de *Os papéis do inglês*:

A hesitação coloca-se ao nível da experiência. É ela que constitui o mais importante do material, do capital acumulado. Mas ela, a experiência, constitui-se a partir das referências. As do mundo e do tempo anteriores. E é esse mundo anterior que a ordem das coisas, e da própria experiência, me impõe dar testemunho. Não viesse eu de fora e a experiência seria a da existência comum, não se revelaria como experiência, nem se revelaria sequer, estaria integrada na existência. E, assim, se me sentisse impelido a dar testemunho de alguma experiência, tratar-se-ia daquela que, fora dessa existência, me tivesse sido dado a acontecer. A experiência, assim, só faz sentido quando referida, à partida e à chegada, ao que lhe é exterior. Sem o antes não poderia ter tido lugar, sem o depois perderia o sentido. E a contradição maior reside no seguinte: tratando-se de uma experiência total, o seu saldo efectivo estaria em dar-lhe continuidade. E ela assim deixaria de o ser, transformar-se-ia em rotina, existência. (CARVALHO, 2007, p. 25, grifos do autor)

DO CONTEXTO DA TRILOGIA

O problema, para o qual passo então a atentar mais detidamente, relaciona-se à integração de eventos históricos ao longo da trilogia, não só dos episódios angolanos; embora, à primeira vista, os motivos partam sempre de uma zona austral, o que me interessa verificar junto desses *vasos comunicantes* é o peso de articulação da História à Geografia, e que se referem aos fluxos invertidos.

Dessa maneira, não é fortuito que as relações elencadas ao longo da trilogia possuam um caráter de reflexão, abrangente e inovadora, no que concerne ao romance angolano contemporâneo. No tocante a isso, cabe trazer um fragmento do artigo “O passado presente na literatura angolana”, de Rita Chaves, onde se lê:

terceira metade, pode-se ver uma espécie de gráfico, desenhado pelo autor, que sintetiza esse sistema, que de certa forma, norteia o plano de escrita do romance. É mais um exemplo dos inúmeros “vasos comunicantes” presentes no sistema de pensamento do autor.

Profundamente marcada pela História, a literatura dos países africanos de língua portuguesa traz a dimensão do passado como uma de suas matrizes de significado. A brusca ruptura no desenvolvimento cultural do continente africano, o contato com o mundo ocidental estabelecido sob a atmosfera de choque, a intervenção direta na organização de seus povos constituíram elementos de peso na reorganização das sociedades que fizeram a independência de cada um de seus países. Tão recentes, e feitas no complexo quadro da conjuntura internacional dos anos 70, essas independências não dariam conta do desejo de acertar o passo na direção do projeto utópico que mobilizara os africanos. Como herança, o colonialismo deixava uma sucessão de lacunas na história dessas terras e muitos escritores, falando de diferentes lugares e sob diferentes perspectivas, parecem assumir o papel de preencher com o seu saber esse vazio que a consciência vinha desvelando. (CHAVES, 2005, p. 45)

Note que a problematização da História, como aponta a pesquisadora, é um dado recorrente no sistema literário angolano. No percurso da formação do romance em Angola, coube a esse gênero “exercitar maneiras de apreender as tensões que aí se formam” (CHAVES, 1999, p.208). O *modus operandi* de Ruy Duarte de Carvalho leva a pensar nessa problemática não só como um movimento de desvelamento das tensões e preenchimento de lacunas (o que seria, por exemplo, o caso da História da cultura pastoril e o recorte que cabe aos pastores Kuvale, engendrada ao percurso histórico do sul, um dos espaços de fronteira, apontados com frequência pelo autor (CARVALHO, 2006, p. 67); contudo, trata-se também de um alargamento da questão e de revisão da trajetória angolana, que não se fez apartada de outras conjecturas político-econômicas, abarcando um vasto panorama, que, mais uma vez insisto, servem de matéria artística. Essas prerrogativas, se estudadas, acredito que possam gerar novos conhecimentos sobre a situação do romance em Angola. É pensar, como disse o escritor Luandino Vieira, em como os “buracos negros”¹⁵, as lacunas da historiografia oficial são recuperados por esse gênero, suas inserções e/ou omissões. Tendo isso observado e considerando o dado da experiência e da História, cabe esboçar alguns possíveis percursos de análise para a trilogia.

15 Luandino, no texto em questão, provocativamente questiona sobre qual seria o valor e o lugar de uma obra como *História geral das guerras angolanas*, do português A. Cadornega, dentre outros. VIEIRA, 2008, p. 31-8 e TAVARES, 2008, p. 39-50.

No que diz respeito ao último romance, *A terceira metade*, por exemplo, a trama narrativa é construída por duas vozes que dão ao texto um caráter metanarrativo: aquela que se refere ao *Caderno do autor*, e outra que segue, concomitantemente, mais presente a do *Caderno do narrador*. Ao intuito da divisão pouco se atém, tanto o autor quanto o narrador. A não-linearidade do romance em si não permite que as regras dadas de início se cumpram, já que ambas as vozes irão ora se fundir, ora desaparecer para que uma terceira voz, a do protagonista, dite a diegese. Tais cadernos revezam-se em filtrar os registros das memórias do protagonista, Jonas Trindade, que, em um encontro com o autor, durante uma semana, desfia a narrativa. Em meio ao registro dessa narração principal, a mobilidade, o deslocamento espacial, típico das narrativas de Ruy Duarte de Carvalho, irão da Califórnia à Namíbia, embora concentrem-se no sudoeste angolano. Essa inserção de interlocutores e variadas formas de recuperação da história/História, espalhadas por uma geografia diversa, são elementos estruturais presentes também nas duas obras anteriores.

Tomando isso, portanto, como uma regra de composição, vê-se que em *A terceira metade*, os cadernos são precedidos por *Três fragmentos introdutórios* que, para o leitor, recapitulam de imediato as duas primeiras obras da trilogia e a motivação que se dará para o encontro entre o protagonista e o autor. O enredo se articula por episódios da vida de Trindade, relatados ao leitor pelo autor até o final do Livro I, bem como a um interlocutor, Paulino, informante e personagem apresentado em *Vou lá visitar pastores* e figura essencial para os desdobramentos de *Os papéis do inglês*. A partir do Livro II, grosso modo, o relato passa diretamente ao leitor e em determinadas passagens retoma a interlocução com a personagem SRO (Severo), “o branco da namíbias” da obra *As paisagens propícias*. Visto assim, tanto Paulino quanto Severo são “vasos comunicantes” que irrigam a trilogia.

Assim, algumas estratégias são amplificadas em *A terceira metade*, onde o autor, por intermédio do narrador, desloca o foco, para fazer pensar - inversamente ao usual e ao exótico - em outras possíveis imagens de África, de Angola e do africano; pois, Trindade é mucuíssu, não-bantu, e, portanto, como seu próprio nome anuncia, coloca-se como um terceiro elemento entre os europeus – brancos – e os africanos – bantus. O nome Jonas Trindade também se enlaça, ao longo do romance, a um conjunto de obras literárias (*Moby-dick*, de H. Melville, *Huckleberry Finn*, de Mark Twain, *A cabana de pai Tomás*, de H.B.Stowe, *The nigger of the Narcissus*, de J. Conrad, e o Jonas bíblico) lidos pela tríade autor/narrador/ protagonista

com a intenção de pôr à vista do leitor as tensões, isto é, os muitos nós da história/História.

De forma semelhante, também se dá a construção da personagem Severo, em *As paisagens propícias*, como um “fluxo ao contrário”: anteriormente dado como um branco da Namíbia em *Os papéis do inglês*, descobre o leitor ser ele um mulato angolano criado em Portugal e que, no retorno a Angola, vai de agrimensor e quimbanda do mato até pintor-falsificador entre a Namíbia e a África do Sul. Não é diferente a regra para composição de A. Perkins, de *Os papéis do inglês*: criado na Rodésia, antropólogo com formação na Inglaterra, fadigado com as contradições do mundo acadêmico e da vida conjugal, volta à África, situando-se no entorno do Kwando, Angola, onde caça e comercia marfim para sua manutenção. Embora haja um evidente paralelismo com a experiência do autor, o destino dos três exemplos é absolutamente diferenciado, resulta mesmo é num evidente foco de atenção sobre os “homens de fronteira”, não porque geográfica, mas por serem desdobramentos de uma “dinâmica encapsulada de relações” (CARVALHO, 2005, p.164).

Para exemplificar a matéria que envolve essa dinâmica, uma passagem de *A terceira metade*, arquitetada como uma exposição comparada de certo episódio da *Odisseia*, de Homero, articula-se perfeitamente, a meio do romance, para desmontar a representação que recorrentemente o imaginário, construído pela ideologia colonial, impôs à figuração das nações africanas:

[...] haveria sempre matéria capaz de mexer seguramente outra vez com o mais velho: o seu obstinado e apaixonado interesse pelo mar mediterrâneo e por esses brancos primordiais que tinham sido os gregos [...] (p.375) [...] lhe devolvi na manhã seguinte o vetusto exemplar da *Odisseia* que nos dias anteriores tinha sido ponto de partida para tanta revelação [...] e aproveitei o a-propósito para perguntar-lhe espontaneamente por que razão [...] o que mais lhe havia cativado eram as passagens em que Ulisses se detém entre os Feaces, antes de voltar a pisar o chão da sua Ítaca [...] e tanto bastou para que a seguir, já sentado no burro e virado para mim, o precioso Trindade, de novo inteiramente revigorado, asseverasse que sim senhor era isso, era isso a ideia dos heróis, precisamente [...] nesse tempo, lá, dizia o Trindade, você vai ver e às tantas não seria talvez assim tão diferente de como é ainda nalguns lugares aqui entre nós agora [...] vai ver, com esses Feaces, precisamente, o rei deles teria mais a ver com os nossos reinos arcaicos daqui do que com os sumptuosos reinos que os

brancos nos vieram pregar e em que logo desde o princípio quiseram transformar os nossos, [...] essa princesinha dos Feaces, [...] a lavar a roupa numa vala discreta não longe da casa dela? [...] podia ser a filha de um rei dos nossos, do Jau¹⁶, da banza da Hufla ou da Kihita, aquela a quem compete tratar do fogo real do pai e lavar-lhe a manta uma vez por ano [...] o inventário da lavra do pai de Ulisses, na própria Ítaca, não excede a conta de treze pereiras, dez macieiras, quarenta figueiras e cinquenta fileiras de vinha [...] a gente lê, ou ouve contar a Odisseia, e fica a saber que lá então, como aqui no meio destes morros e desertos ainda agora, guerra e razia queriam dizer a mesma coisa: a palavra que lhes designa é a mesma: o-vita aqui [...] a troca direta de produtos é que assegurava as relações entre as populações, e os povos do comum eram sobretudo pastores organizados à volta de uma casa patriarcal [...] como as ongandas de cá [...] e até o controle da sociedade era sobretudo assegurado pela família, encarregada de fazer respeitar as normas e punir com multas e infrações [...] [Livro III] (CARVALHO, 2009, p. 375-8)

Note que o exercício ficcional, a que se propõe o autor, consiste em observar e refletir sobre processos em que as “especificidades históricas não anulam as contiguidades geográficas” (CARVALHO, 1999, p. 68). Assim, podem ser lidos como uma proposta de construção da História da cultura pastoril, cujos contornos estão presentes não só em *As paisagens propícias*¹⁷ e no Livro Segundo de *Os papéis do inglês* (CARVALHO, 2007, p. 130-78), mas por toda a produção de Ruy Duarte de Carvalho. É claro que não se trata de escrever uma História “de”, mas expor a experiência histórica, reorganizando-a pelas lacunas e tensões que a literatura, como instrumento privilegiado, pode proporcionar.

Nessa medida, ao longo dos romances da trilogia, a ordem de termos surpreende pelo posicionamento dado para as personagens, isto é, de maneira incomum se questiona sobre fatos comuns, como nessa reflexão de Trindade, em *A terceira metade*: “porque se os brancos se interessam pelas dobras dos nossos passados negro-africanos, será crime então, ou aberração, interessar-se a gente pela deles, já que a partir de certa altura partilhamos todos os mesmos passados comuns? [...]” (2009, p. 261).

16 Sobre o “antigo reino do Jau, onde todos os anos se cumpre ainda a cerimônia de encerramento do cortejo do boi sagrado”, CARVALHO, 2008, p. 390.

17 CARVALHO, 2005, mais especificamente no subtítulo 17, “Buraco”, embora esteja pela narrativa toda.

DOS LIVROS E DE TRÊS FRAGMENTÁRIOS INTRODUTÓRIOS

A *órbita* de algumas personagens e do universo da trilogia apresenta um caráter de revisão dos *nós da história*¹⁸, de maneira que, em *A terceira metade*, o *Livro I* percorre o período colonial e a luta de libertação nacional angolana; o *Livro II* trata do período pós-independência; um *Livro III* parece ter o intuito de articular os dois livros anteriores aos *Três fragmentos introdutórios*. Como já foi dito, essa divisão em livros, assim como a divisão em cadernos, é constantemente transgredida por outros tempos (como o pré-colonial) e espaços (Brasil, Patagônia, Califórnia, Londres, Namíbia, etc.). Pensados no conjunto da trilogia, os livros e os cadernos, assim como todo o arcabouço extraliterário, indicam a articulação entre a matéria artística e o que é recuperado dos eventos históricos pelo narrador e pelo autor. As passagens, a seguir, ajudam a ilustrar o resgate dos eventos históricos na forma do romance:

[...] Moçamedes vivia nessa altura, segundo o perspicaz e sucinto comentário do nosso herói quando referiu essa época na conversa que teve com o autor, um tempo que era o de dois marcantes pós-guerras em simultâneo, embora a maioria dos povos dali, quer os brancos quer os pretos, talvez pudesse jurar-se que dificilmente estaria a dar conta fosse do que fosse [...] era o pós-guerra das rusgas de extermínio feitas aos mucubais, com o remanescente deles a voltar da deportação a que tinham estado sujeitos nas ilhas de São Tomé, e era o pós-guerra de uma guerra imensa, muito maior, em que os brancos se tinham envolvido uns contra os outros lá nas europas deles [...]. [Livro I] (2009, p. 73-4)

18 A expressão é utilizada pelo autor com frequência ao longo do último romance. Entretanto, faço mais um acréscimo, para dizer que o termo “nós” pode ser entendido também como tempo, os tempos da história, levando em conta o que RDC explica em nota de rodapé, ao descrever a mística do texto iniciático Koumen, em *Ondula, savana branca* (1977-1980): “Os vinte e oito nós ou laços correspondem aos dias do mês lunar, que é preciso desfazer, isto é, de que é preciso, em consciência penetrar a sucessão. O desfazer dos nós [...] é conhecimento” *Lavra*, 2005, p. 225. A própria epígrafe do romance *A terceira metade* é uma passagem dessa tradução interpretativa, nomeada pelo autor de “reconversão”, acerca desse mesmo poema, onde se lê que a vida “comporta três sequências de vinte e um anos cada uma, a primeira de aprendizagem, a segunda de prática, a terceira de ensino” (In. *Lavra*, 2005, p. 224). À página 413, quase ao fim d’*A terceira metade*, pode-se ver uma espécie de gráfico, desenhado pelo autor, que sintetiza esse sistema, que de certa forma, norteia o plano de escrita da trilogia em si. É mais um exemplo dos inúmeros “vasos comunicantes” presentes no sistema de pensamento do autor.

[...] foi assim que o Trindade falou então [...] depois instalou-se outra vez o vazio [...] gente de fora, ali, só cruzavam às vezes soviéticos ou cubanos de jipe, desses que tinham vindo instalar um posto avançado de defesa antiaérea e viviam com as armas e os radares deles encafuados em enormes instalações e casernas que tinham escavado debaixo do deserto, perto do Virei [...] e a seguir a certa altura, e passados já talvez uns quatro anos, chegou ali a notícia de que o presidente, em Luanda, tinha mudado [...] o mais-velho que figurava no dinheiro novo tinha morrido de doença, sim, mas até ali naquele buraco, tão isolado do mundo e virado sobre si mesmo, constou logo que tinham intervindo nisso, nessa morte natural, vontades políticas mais ponderosas que as nossas [...] já antes até tinha soado que essa potência nos ajudava e controlava metade do mundo e tinha feito do nosso território, com a que controlava a outra metade, um campo de batalha para a luta deles, não andava a encontrar uma obediência à maneira como lhes convinha [...] e teriam até escolhido já quem é que deveria substituí-lo [...] parece que a questão já era muito essa [...]. [Livro II] (2009, p. 203-6)

Ao sabor dos episódios, as tensões e novos conhecimentos sobre as questões ligadas ao continente africano, essencialmente, são conectadas ora a um contexto mais amplo (as duas guerras mundiais), ora a um mais específico (a guerra *Kakombola* movida pelos portugueses contra os mucubais/kuvale, que sempre se mostraram insubmissos quanto ao pagamento do imposto indígena, o que resultou em milhares de deportações para São Tomé entre 1940 e 1941 e o confisco do gado kuvale). Dessa forma, a História nacional angolana adquire novos vetores de significância, através de referências explícitas ou implícitas, como ilustra a passagem do Livro II.

A sugestão desse tipo de aproximação maior com a História fica visível quando se verifica o paralelismo entre a trajetória dos protagonistas e os episódios da História angolana dos últimos noventa anos, por assim dizer. Exemplos: o fato do protagonista do romance *A terceira metade* ter nascido em 1922, o mesmo ano em que nasceu o primeiro presidente de Angola, Agostinho Neto, que é quando também se deu a Revolta do Catete (WHEELER, p. 167-192) no desdobramento da revolta nativista de 1917, não me parece ser um mero acaso numérico, mas sim dado pensado para colocar vistas sob diferentes fluxos históricos, como o de Jonas Trindade. Como também o é a construção da personagem Severo (SRO), em *As paisagens propícias*, por exemplo, nos subtítulos 6 e 7 do romance e sua aproximação com o início da luta de libertação nacional angolana, nos idos de 1961, ou,

ainda, o exemplar subtítulo “Samba”, no que diz respeito aos anos 80 em Luanda, entre outros. É uma cronologia emaranhada, mas vale notar que o autor mostra-se interessado em retomá-la nas suas variantes, mesmo que a fórmula seja desalinhada, o artifício é eficaz e sugere que não é tão-somente a exploração de um local contraposto a um universal/ocidental. Trata-se daquilo que o próprio autor denomina, nas digressões de *Os papéis do inglês*, “das implicações adjacentes, e dos horizontes simultâneos” (2007, p. 154).

Para clarificar um tanto mais, um último exemplo: ao longo do último romance, a descrição do protagonista Trindade é dada como um “desses buscadores famintos de sentido” (2009, p.306), pois, em virtude de ser *cozinheiro do mato*, pode partilhar com uma multidão de estrangeiros (suecos, portugueses, boers, belgas, etc.), cientistas especialistas das mais diversas áreas (médico, biólogo, engenheiro, geólogo, botânico, entomologista, antropólogo, etc.), imbuídos de investigar algo de suas ciências ou de servir a algum propósito político-econômico. Tendo isso em vista, veja-se a transposição, em parte ficcionalizada, do escritor alemão Ernst Jünger¹⁹. Sua passagem por Angola de fato ocorreu em 1966, e resultou em uma de suas obras sobre entomologia: *Caçada subtil*²⁰. A cena se passa em uma fazenda de café em que Trindade, o protagonista, estava trabalhando e acaba por ser designado a acompanhar o visitante:

[...] e [...] investido da função de carregar-lhe a rede de apanhar borboletas e um chapéu de chuva, instrumentos indispensáveis à atividade de qualquer entomologista compulsivo [...] e no seguinte disso é que Trindade foi dando conta da estatura e da estória daquele mais-velho estrangeiro que tanto lhe impressionava [...] era um homem muito antigo e de cabelo todo branco e andou a visitar por ali, em Calulo, outros mais-velhos que já tinham andado a combater junto com ele na

19 Note que a inserção desse autor alemão especificamente também não é fortuita, o escritor teve uma vida longa, atravessou todo o século XX, cruzou vários continentes e presenciou de perto, ao menos as duas grandes guerras. A primeira, recapitulada na passagem acima, transformou-se no diário *Tempestades de aço*. Não tive acesso, por enquanto, à obra que registra a passagem em Angola, mas sobre seu conteúdo, localizei que “he collected 40000 insects. *Subtile Jagden* (Subtle pursuits, 1976) was the literary products of this contemplative passion” (In. *German writes before and after 1945*, JÜNGER et alii, J. Peters ed., New York, 2002, p. 310). O comentário do editor mostra, em hipótese, um certo grupo de interesses entre o pensamento de Ruy Duarte de Carvalho e Jünger, ou seja, o trabalho como entomologista de Jünger é registrado como literatura, na mesma medida em que Ruy Duarte de Carvalho transpõe muitos dados de sua antropologia para a literatura. Veja-se também sobre isso certa passagem de *Desmedida* (p. 313), em que RDC se diz leitor compulsivo de Jünger.

20 As informações elencadas constam em *Notícia biobibliográfica*, parte da edição portuguesa, da obra *Sobre as falésias de mármore*. (Org. e Trad.) FELIPE, R. G. Lisboa: Veja, 1987, p.153-9.

primeira guerra mundial dos brancos, entre 1914 e 1918, e que já antes disso, com dezoito anos e em 1913, tinha fugido de casa para alistar-se na Legião Estrangeira e andar um ano pelo norte de África [...] nessa tal primeira guerra mundial dos brancos, saiu dela com vinte cicatrizes devidas e catorze ferimentos em combate e foi feito cavaleiro, com a cruz de guerra, de duas ordens de primeira classe [...] depois disso, e a partir do que lá terá vivido, experimentado e refletido, foi então que ele escreveu meia dúzia de livros desses que depois todas as representações e todo o pensamento do mundo não podem deixar de ter de mudar e deram mesmo a volta à cabeça de políticos como de filósofos dessa época [...] isto é muito resumido, Paulino, que é para não lhe estar agora a chatear, mas também não é de estranhar que o Trindade, sabendo disto e de muito mais, não se tenha rendido ao privilégio que a vida lhe estava agora ali a dar [...] andou com ele a transitar de sobressalto em sobressalto e o mundo é tão pequeno, afinal, que ali mesmo, no meio daquela numerosa colônia de alemães, [...] lhe viu a distribuir cumprimentos [entre aqueles tinha uns que eram família de outro famoso general que tinha ficado para história por ter comandado o extermínio de mais de setenta por cento da população herero, aqui na Namíbia, e de ter confinado o resto, para aí quinze mil pessoas, em campos de concentração, entre os anos de 1904 e 1905 [...]. [Livro I] (2009, p. 137-50)

O episódio é recuperado pelo autor para interligar a colonização alemã na África, o genocídio dos hereros - povos que vivem entre o território de Angola e a hoje Namíbia - junto aos desdobramentos das duas guerras mundiais. Note que ao converter o escritor em personagem, o europeu, o cientista perde o seu usual estatuto de narrador, autor e compilador de uma versão consagrada da História, principalmente aquela fabricada pelo “saber colonial”²¹. Ao longo da trilogia, portanto, o procedimento de recuperação de sua própria experiência relaciona-se aos nós da história, da ficção, que por sua vez corrobora para que os nós, as tensões da História, se desatem.

21 Para isso, THOMAZ, 1997; GEBARA, 2010, HEINTZE, 2010 e PINTO, 2012.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, M. V. Antropologia e literatura: à propósito e por causa de Ruy Duarte de Carvalho. *Jornal do Centro Cultural de Belém*.
- APA, L. No hay mañana sin ayer – Outras narrativas da nação em Os sobreviventes da noite, de Ungulani Ba Ka Khosa, e Actas da Maianga, de Ruy Duarte de Carvalho. In *Revista Via Atlântica*. FFLCH/USP, São Paulo, n.17, 2010.
- ANTÓNIO, M. (anotação e fixação de textos). *Angolana (Documentação sobre Angola)*. Luanda: IICA, 1971, 2 volumes.
- BATTELL, A. *The strange adventures of Andrew Battell of Leigh, in Angola, and the adjoining regions*. Project Gutenberg, 2012.
- BURTON, R. *The city of the saints and the rocky mountains to California*. New York: Harper and Brothers, 1862.
- CABAÇO, J. L. Gentes, agentes e agendas. *Revista SetePalcos*, Coimbra, n.5 (Homenagem a Ruy Duarte de Carvalho, julho/2006), p. 40-44.
- CADORNEGA, A. *História geral das guerras angolanas 1680*. Anot. e corr. José Matias Delgado. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1972, 3 volumes.
- CARVALHO, R. D. *Como se o mundo não tivesse Leste*. Lisboa: Cotovia, 2003.
- _____. *Ana a Manda – os filhos da rede*. Lisboa: IICT, 1989.
- _____. *Aviso à navegação*. Luanda: INALD, 1997.
- _____. *Vou lá visitar pastores*. Lisboa: Cotovia, 1999.
- _____. *Actas da Maianga*. Luanda: Chá de Caxinde, 2003.
- _____. *As paisagens propícias*. Lisboa: Cotovia, 2005.
- _____. *Lavra: poesia reunida 1970/2000*. Lisboa: Cotovia, 2005.
- _____. *Desmedida*. Lisboa: Cotovia, 2006.

_____. *Os papéis do inglês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. [2000]

_____. *A câmara, a escrita e a coisa dita...* Lisboa: Cotovia, 2008.

_____. *A terceira metade*. Lisboa: Cotovia, 2009.

_____. *O que não ficou por dizer...* (Org.) VIDAL, N. Luanda: Chá de Caxinde, 2011.

CENDRARS, B. *O ouro: a maravilhosa história do general Johann Sutter*. Porto Alegre: L&PM, 1988.

CHAVES, R. *A formação do romance angolano*. São Paulo: FBLP/ Via Atlântica, 1999.

_____. O passado presente na literatura angolana. In. *Angola e Moçambique*. Experiência colonial e territórios literários. Cotia/SP: Ateliê, 2005.

_____. A narrativa em Angola: espaço, invenção e esclarecimento. In. *África – Brasil Caminhos da língua portuguesa*. GALVEZ, C. *et alii*, Campinas : Ed. UNICAMP, 2009, p. 137-150.

_____. Espaço e mobilidade: a escrita em movimento de Ruy Duarte de Carvalho. In. *Narrativa e espaço. Angola e Moçambique e alguns ecos do império*. 2012. 000 f. Tese de Livre Docência. FFLCH/USP, São Paulo, 2012, p. 153-206.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

COETZEE, J. M. A narrativa de Jacob Coetzee. In. *Terras de sombras*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1997, p. 65-151.

COMPAGNON, A. História. In. *O demônio da teoria*. BH: Ed. UFMG, 2001, p.195-223.

CONRAD, J. *The nigger of the Narcissus*. Gutenberg Project, 2006.

DUPARQUET, C. *Viagens na Cimbebásia*. Luanda: Museu de Angola, 1953.

FELNER, A. A. *Apontamentos sobre a colonização do planalto e litoral sul de Angola*. Lisboa: Agência G. das Colónias, 1940, 3 volumes.

GEBARA, A. *A África de Richard Burton*. Antropologia, política e livre-comércio, 1861-1865. São Paulo: Alameda, 2010.

GEERTZ, C. *Obras e vidas. O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

GLISSANT, E. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

HEINTZE, B. (org.) *Angola em movimento. Vias de transporte comunicação e História*. Frankfurt, 2008.

_____. *Exploradores alemães em Angola (1611-1954): apropriações etnográficas entre comércio de escravos, colonialismo e ciência*. 2. ed. revista. Frankfurt, 2010.

HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Cia. das letras, 2011.

JACKSON, L.C. *A tradição esquecida*. BH: Ed. UFMG, 2002.

JÜNGER, E. *Sobre as falésias de mármore*. Trad. e coment. R. G. Filipe. Lisboa: Vega, 1987.

LEITE, A. M. Radicação, reescrita, recomposição. In *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Ed. Colibri (Extra-coleção), 1998.

LOPES, C. (org.) *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

MATA, I. *Ficção e História na Literatura Angolana*. Luanda: Mayamba, 2010.

MELLO, U.S.P. *Apreciação da Revolta Praieira em Pernambuco*. Brasília: Senado Federal, 1978.

MELVILLE, H. *Moby-dick*. London: Penguin, 2012.

MICELI, S. *Contar para vivê-lo, viver para cumpri-lo. Autocolocação e construção do livro na trilogia ficcional de Ruy Duarte de Carvalho*. 2011. 000 f. Dissertação (Mestrado em...), Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

MORAES, A.M.R. Discurso etnográfico e representação na ficção africana de língua portuguesa: notas sobre a recepção crítica de Mia Couto e o projeto literário de Ruy Duarte de Carvalho. *Revista Via Atlântica*, FFLCH/USP, São Paulo, n. 16, 2009.

PELISSIER, R. & WHEELER, D. *História de Angola*. Lisboa: Tinta da China, 2011.

PESTANA, N. *As dinâmicas da sociedade civil em Angola*. Lisboa: CEA/ISCTE, 2003.

PINTO, A.O. *Angola e as retóricas coloniais*. Luanda: Chá de Caxinde, 2012.

SILVA, R. F. *Quatro passeios pelos bosques da ficção angolana*. 2008. Tese (Doutorado em ...), UFRJ, Rio de Janeiro, 2008, p. 112- 141.

SILVESTRE, O.M. Notas sobre paisagem e tempo em Ruy Duarte de Carvalho. *Revista SetePalcos*, Coimbra, n.5 (Homenagem a Ruy Duarte de Carvalho, julho/2006), p. 25-28.

TAVARES, A. P. *Contar Histórias*. In. PADILHA & RIBEIRO (Orgs.). *Lendo Angola*. Porto: Afrontamento, 2008, p. 39-50.

THOMAZ, O.R. Império e literatura: a trajetória e a obra de Henrique Galvão. In. *Ecos do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002, p. 149-190.

TWAIN, M. *The complet travel books of Mark Twain*. New York: Doubleday, 1966.

VIEIRA, L. Literatura angolana: estoriando a partir do que não se vê, In. PADILHA & RIBEIRO (Orgs.). *Lendo Angola*. Porto: Afrontamento, 2008, p. 31-38.

Data de recebimento: 30/06/2016

Data de aprovação: 30/11/2016